




Violência e escola: os fios narrativos que conduziram o noticiário do massacre em Suzano

Violence and school: the narrative threads that drove the news about the massacre in Suzano

Violencia y escuela: los hilos narrativos que impulsaron las noticias de la masacre de Suzano

Lilian Bartira Santos Silva - Universidade Federal da Bahia | Salvador | Bahia | Brasil | lilianbartira10@gmail.com. |  <https://orcid.org/0000-0002-3948-4538>.

Edinei Garzedin - Universidade Federal da Bahia | Salvador | Bahia | Brasil | neinhagarzedin@gmail.com. |  <https://orcid.org/0000-0003-1978-5197>.

Maria Helena Bonilla - Universidade Federal da Bahia | Salvador | Bahia | Brasil | bonillabr@gmail.com. |  <https://orcid.org/0000-0002-0137-6363>.

Resumo: Ocorrências como as de Columbine, Realengo e Suzano colocaram a violência escolar em evidência midiática. A mídia hegemônica brasileira, ao reportar eventos desta natureza, recorre ao jornalismo factual, e em nome da objetividade, desconsidera problematizações importantes. Este artigo objetivou analisar as narrativas midiáticas sobre o episódio ocorrido na Escola Estadual Raul Brasil, Suzano (SP), tendo como referência o portal de notícias G1. A fim de discutir os sentidos produzidos pelas narrativas deste portal, foi realizada uma análise hermenêutica com ênfase nos silenciamentos e marcas de espetacularização. Para contrastar formas de construção narrativa, o portal do EL País serviu de contraponto por sublinhar subjetividades e maior profundidade sobre o fato. O fio condutor da análise foi a abordagem noticiosa centrada nos executores dos disparos, que permitiram identificar que o G1 desprezou aspectos políticos, sociológicos e psicológicos sobre o evento, a escola e seus sujeitos.

Palavras-chave: narrativa midiática; escola; violência.

Abstract: Occurrences such as those in Columbine, Realengo and Suzano put school violence in media attention. The Brazilian hegemonic media, when reporting events of this nature, resorts to factual journalism, and in the name of objectivity, disregards important problematizations. This article aimed to analyze the media narratives about the episode that took place at the State School Raul Brasil, Suzano (SP), using the G1 news portal as a reference. In order to discuss the meanings produced by the narratives of this portal, a hermeneutic analysis was carried out with an emphasis on silencing and marks of spectacularization. To contrast forms of narrative construction, the EL País portal served as a counterpoint for underlining subjectivities and greater depth about the fact. The guiding thread of the analysis was the news approach centered on the executioners of the shots, which allowed us to identify that G1 neglected political, sociological and psychological aspects about the



event, the school and its subjects.

Keywords: media narrative; school; violence.

Resumen: Hechos como los de Columbine, Realengo y Suzano colocaron la violencia escolar en evidencia mediática. Los medios hegemónicos brasileiros, al reportar eventos de esa naturaleza, recurre al periodismo factual, e en nombre de la objetividad, desconsidera problemáticas importantes. Este artículo procuró analizar las narrativas mediáticas sobre el episodio ocurrido en la escuela provincial Raúl Brasil, Suzano (SP) teniendo como referencia el portal de noticias G1. A los fines de discutir los sentidos producidos por las narrativas de ese portal, se realizó un análisis hermenéutico con énfasis en los silenciamientos e marcas de espectacularización. Para contrastar formas de construcción narrativa, el portal de El País sirvió de contrapunto para delinear subjetividades e mayor profundidad sobre los hechos. El hilo conductor de análisis fue el abordaje de la noticia centrado en los ejecutores de los disparos, que permitieron identificar que el G1 dejó de lado aspectos políticos, sociológicos e psicológicos sobre el evento, la escuela y sus sujetos.

Palabras clave: narrativa mediática; escuela; violencia.

 <http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2021v9n22p80-102>

Recebido em novembro 2021 – Aprovado em dezembro 2021.



1 Introdução

Em 20 de abril de 1999, o mundo acompanhou, alarmado, ao noticiário sobre o massacre em Columbine, nos Estados Unidos. O emblemático episódio ganhou visibilidade através das manchetes de TV e páginas de jornais por toda a parte e, ainda hoje, é tomado como referência para contextualizar acontecimentos dessa ordem. No Brasil, a partir dos anos 2000, ocorrências similares também colocaram a violência escolar no centro das narrativas midiáticas, dentre elas: Taiúva - SP (2003), Realengo - RJ (2011), São Caetano do Sul (2011) e Suzano - SP (2019).

As problemáticas que envolvem o universo escolar e seus sujeitos são variadas e sinalizam inferências sociais da qual fazem parte. Na realidade brasileira, observamos uma desigualdade estrutural, cujas questões socioeconômicas acentuam disparidades entre os grupos sociais. Em decorrência disso, das condições de marginalização e exclusão, emergem reativamente violências das mais variadas ordens. Dentro desse contexto maior, temos a educação pública, caracterizada pela desvalorização de seus profissionais e sucateamento de suas unidades escolares e, ainda nesses espaços, os sujeitos, professores e estudantes, circunscritos nessas realidades e atravessados por questões individuais e familiares que complexificam as relações dentro e fora da escola. Dessa forma, o contexto no qual as escolas públicas brasileiras estão inseridas, as impressões subjetivas que marcam os sujeitos nesses espaços, bem como a potencialização dos conflitos sociais possibilitam reações variadas e, por vezes, adversas.

Os casos de violência nos espaços escolares são reais. Entretanto, situações de violência não atingem somente a escola, elas se caracterizam como fenômeno social e têm atingido proporções alarmantes. É preocupante que tal fenômeno tenha alcançado os espaços escolares e venha ocupando as chamadas de veículos comunicacionais sem as devidas problematizações. As subjetividades que marcam os sujeitos nesses



espaços são desconsideradas quando mídias hegemônicas, cujos noticiários estão calcados no viés da objetividade jornalística, tendem a negligenciar o sujeito, núcleo do conflito.

À luz desses atravessamentos, objetivamos analisar as narrativas midiáticas hegemônicas acerca do massacre ocorrido na escola de Suzano (SP), a fim de estabelecer as seguintes discussões: os sentidos produzidos pelas narrativas midiáticas hegemônicas na cobertura jornalística do massacre em Suzano, incluindo seus silenciamentos e as subjetividades que interpelam os sujeitos implicados em ocorrências de violência escolar, invisibilizadas nas construções noticiosas.

As principais emissoras de TV do Brasil – Rede Bandeirantes, SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), Rede Record e Rede Globo – cobriram o acontecimento e seus desdobramentos também através de suas plataformas digitais. O G1, portal de notícias da Rede Globo, é a fonte noticiosa escolhida para esta análise por compor o maior grupo de mídia brasileira, ocupar a quinta posição entre os sites mais acessados do país e representar com proximidade o discurso hegemônico. Quanto ao suporte digital, a escolha se deu pela facilidade de acesso às matérias divulgadas, diferentemente das veiculações telejornalísticas.

Através de uma compreensão hermenêutica, esse trabalho traz uma análise de narrativas midiáticas cujo fio narrativo centraliza os personagens autores da ação. Tal recorte se faz necessário, pois há um volume considerável de notícias veiculadas pelo G1 sobre o episódio. A pretensão deste trabalho é problematizar as formas de ver o acontecimento, mediante análise de matérias divulgadas pelo portal de notícias da Globo, mostrando, em contrapartida, outras formas de narrar, exemplificadas pelas produções do El País Brasil. A abordagem metodológica qualitativa foi escolhida por permitir identificar como as narrativas noticiosas caracterizam discursivamente esses personagens, além de possibilitar a compreensão das lacunas/silenciamentos como um elemento crucial, senão propositivo, na construção do discurso hegemônico.



Para atender aos objetivos de análise que compreende aspectos narrativos e discursivos das notícias, foi realizado também um recorte temporal, grifado entre os dias 13 de março de 2019 (data da ocorrência) e 30 de março de 2019. Embora o acompanhamento tenha se dado por dezessete dias, não obstante, as notícias analisadas do G1, contempladas a partir desses dois recortes, concentraram-se em 13 e 14 de março de 2019. Tal período justifica-se assertivo por quatro razões: primeiro, a oportunidade que as autoras do artigo tiveram de acompanhar o ocorrido e sua reverberação midiática como espectadoras, o que despertou o interesse para a elaboração desta análise; segundo, a possibilidade de coletar as informações durante o desenrolar do evento; terceiro, poder identificar, nas primeiras notícias reportadas pelo G1, as demarcações discursivas acerca dos jovens que cometeram os disparos; por fim, o jornalismo online possibilita atualização constante dos textos publicados, além de acréscimos a partir de novos desdobramentos. Essa última razão, portanto, atende ao interesse investigativo primário proposto para este artigo, a saber: acompanhar e, por conseguinte, demonstrar como o imediatismo noticioso pode imprimir marcas no imaginário coletivo, difíceis de serem desconstruídas posteriormente, ainda que haja revisão de dados, fontes ou elaborações mais aprofundadas.

2 O massacre da escola em Suzano sob as lentes do G1

Em 13 de março de 2019, os brasileiros acompanharam mais uma tragédia em contexto escolar. Dessa vez, a ocorrência se deu na Escola Estadual Raul Brasil, na cidade de Suzano (SP), e vitimou dez pessoas: cinco estudantes, duas funcionárias, o tio de um dos autores, além dos dois ex-alunos que cometeram os disparos e, em seguida, cometeram suicídio. A quarta-feira do ataque foi um daqueles dias de acompanhar coletivamente as informações que gradativamente iam chegando através dos mais variados meios de comunicação, inclusive os digitais.



Para Carvalho (2013), as narrativas midiáticas são “talvez as formas mais difundidas de contar o mundo e seus acontecimentos naturais e sociais que dispomos na atualidade” (CARVALHO, 2013, p. 52). De fato, os acontecimentos ganham visibilidade através das lentes de câmeras e microfones, possibilitando que ocorrências localizadas se tornem públicas, e assim, sejam assistidas, acessadas, comentadas e compartilhadas. Longe de traduzir efetivamente o acontecimento, a narrativa, seja qual for a modalidade de mediação, toma forma a partir de uma série de elementos que colaboram com esse “contar o mundo”, dentre eles o seu narrador e o que lhe perpassa, por essa razão, improvável de configurar-se neutra e objetiva.

A construção da narrativa jornalística começa com os princípios editoriais da empresa de comunicação onde é produzida, passando por seus financiadores e público a que se destina, portanto, um produto cultural com finalidades não apenas informativas, mas comerciais. Seguindo nessa trilha, O Grupo Globo, que, desde 1965, vem fazendo parte do cotidiano do brasileiro, sobretudo, através de sua programação televisiva, lançou em 2006, O G1, portal de notícias na internet, mantido sob orientação da Central Globo de Jornalismo, estendendo a este, equivalentes princípios editoriais, dentre eles, a busca pela isenção, atualização e agilidade.

A objetividade é vendida e persistida pelas Organizações Globo como uma marca de seu jornalismo. A “isenção jornalística”, defendida pela empresa, visa propagar a ideia de que suas produções são transparentes, uma vez que definem em seus princípios editoriais o jornalismo como “uma forma de apreensão da realidade” (PRINCÍPIOS..., 2011, p. 3), evidenciando o propósito da empresa de construir, junto ao público, a percepção de que o jornalismo informativo, por primar pela objetividade, é mais credível e próximo da verdade.

[...] a verdade pode ser inesgotável, inalcançável em sua plenitude, mas existe; e que, se a objetividade total



certamente não é possível, há técnicas que permitem ao homem, na busca pelo conhecimento, minimizar a graus aceitáveis o subjetivismo (PRINCÍPIOS..., 2011, p. 3).

Mesmo reconhecendo a impossibilidade de isenção plena, o documento que rege a política editorial das Organizações Globo lista para o item 'isenção', princípios norteadores que vão do A ao Z, dentre eles: isenção como objetivo consciente formalmente declarado, acolhimento do contraditório, esforço do jornalista em deixar de lado suas idiossincrasias e gostos pessoais, laicidade, apartidarismo, independência de governos e grupos econômicos.

O Grupo Globo será sempre independente, apartidário, laico e praticará um jornalismo que busque a isenção, a correção e a agilidade, como estabelecido aqui de forma minuciosa. Não será, portanto, nem a favor nem contra governos, igrejas, clubes, grupos econômicos, partidos. Mas defenderá intransigentemente o respeito a valores sem os quais uma sociedade não pode se desenvolver plenamente: a democracia, as liberdades individuais, a livre iniciativa, os direitos humanos, a república, o avanço da ciência e a preservação da natureza (PRINCÍPIOS..., 2011, p. 29).

Embora a objetividade seja um guia para o jornalista e um princípio da empresa comunicacional em que ele atua, a escrita da narrativa noticiosa demanda, para além do purismo descritivo e apurado dos fatos, uma criação textual e linguística que possibilite a compreensão do fenômeno. Nesse processo criador, portanto, estão imbricados a própria compreensão do jornalista acerca do evento que reporta e os ditames de seu editor. Quando essa narrativa chega ao espectador, são acionados ainda os filtros da recepção. Dessa forma, o "recorte" contado da realidade, há muito deixou de sê-la.



Se fato pode ser lido como “dado de realidade”, como aquilo que efetivamente ocorreu, o sentido, sabemos, jamais é um dado, ele é trânsito entre pontos de vista, é o que constitui desafio às chaves interpretativas. (CARVALHO, 2013, p. 61).

A narrativa, entendida não como gênero textual, mas como uma forma de acessar e compartilhar o mundo, permite que a mídia reconstrua o acontecimento no imaginário coletivo e isso só se torna possível em razão de sua função mediadora, cuja articulação se dá através de modalidades textuais, temporais e intencionais. Essa reconstrução, todavia, não é a transfiguração do real, mas uma modelagem do fato a partir do olhar do narrador. Ainda que o “ao vivo” possa transparecer com veemência essa ideia, o meio contribui para a remodelagem do fato. Os ângulos, a fotografia, o off (locução coberta por imagens), a escolha de entrevistados, a seleção de imagens, todos os recursos técnicos são agenciados pelo viés ideológico e mercadológico, pelo sentido que se quer construir com determinada mensagem, ou seja, “as narrativas mais que espelho, são formas de fazer ver. São sempre releituras” (ANTUNES, 2013, p. 16).

No caso de acontecimentos trágicos e emblemáticos, a corrida contra o tempo aciona jornalistas e empresas comunicacionais. Dessa forma, os desdobramentos são acompanhados por grandes coberturas e as narrativas construídas gradualmente. O massacre na escola de Suzano é um bom exemplo disso, as notícias foram se complementando ao longo do dia, das semanas seguintes, até que fosse possível a elaboração de uma matéria cronológica, linear.

O massacre, ocorrido em 13 de março de 2019, estrutura-se na matéria “Cronologia: Massacre em Suzano”, a partir de 21 de fevereiro, com o aluguel de um carro pelos dois jovens autores dos disparos, situação ocorrida vinte dias antes do ataque. A partir daí, a narrativa passa a transcorrer mediante os passos dados pelos rapazes até o momento exato do ataque. No dia da ocorrência, as narrativas iniciam-se por seu clímax: “Dupla ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida”. Essa é a



chamada da primeira matéria divulgada pelo G1. Para um leitor apressado, a manchete anuncia, de imediato, a ocorrência de um massacre, o local, o número de mortos e o desfecho dos autores. Esse é o ritmo ordinário das narrativas jornalísticas. Ainda assim, verifica-se que o clímax, apresentado sinteticamente no título, é narrado sequencialmente, seguindo uma linearidade temporal. Ricoeur (2010) coloca o tempo como uma categoria estruturante da narrativa, uma vez que, para ele, a narrativa torna o tempo humano. Isso significa que o caráter temporal estabelecido na construção narrativa possibilita que esta seja modelada no imaginário do leitor, permitindo-lhe uma elaboração lógica de assimilação e/ou compreensão.

Quadro 1 – Notícia atualizada em 13 de março de 2019

Dupla ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida

Entre as vítimas, estão alunos do ensino médio e funcionários, além do tio de um dos assassinos. Onze ficaram feridos; assassinos eram ex-alunos do colégio.

Um adolescente e um homem encapuzados atacaram a Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano(SP), na manhã desta quarta-feira (13) e mataram sete pessoas, sendo cinco alunos e duas funcionárias do colégio. Em seguida, um dos assassinos atirou no comparsa e, então, se suicidou. Pouco antes do massacre, a dupla havia matado o proprietário de uma loja da região.

Fonte: Adaptado de DUPLA..., 2019.

Em matéria sobre velório das vítimas, Quadro 2, a narrativa não é conduzida a partir dos autores dos disparos, mas há um tópico para esses, intitulado: “Enterro dos assassinos”. A matéria integral traz seis fotos referentes ao velório, cita a presença do Prefeito de Suzano – Rodrigo Ashiuchi e o Ministro da Educação à época, Ricardo Vélez.



Quadro 2 – Notícia atualizada em 14 de março de 2019

Tio de assassino é enterrado e outras 7 vítimas do massacre em escola de Suzano são veladas

Dois criminosos mataram 8 pessoas e cometeram suicídio nesta quarta-feira (13). Mais de 15 mil pessoas passaram pelo funeral coletivo, que começou por volta das 6h30.

Fonte: Adaptado de TIO..., 2019.

O texto ambienta a cena do velório coletivo, informa os horários e sequências de sepultamento e traz o depoimento da tia da vítima Eliana Xavier, que atua numa ONG contra violência. Uma das falas da entrevistada é: “Nosso governo libera armas e não pensa nas consequências”. A matéria segue a narrativa sem pontuar o assunto, revelando um notável e significativo silenciamento. “O silêncio é, assim, indício de uma instância significativa; não é o vazio, o sem-sentido, mas horizonte da significação” (ORLANDI, 2007, p. 12). A ocorrência verificada na notícia em questão é um exemplo da “objetividade” jornalística que coaduna com os princípios editoriais do veículo.

O conteúdo noticioso evidencia o duelo da tessitura narrativa: vítimas *versus* assassinos. Aos atingidos (as vítimas) um texto de 11 parágrafos acompanhados de vídeo (legenda: Conheça as vítimas do massacre em Suzano) e fotos. Aos autores dos disparos (os assassinos), dois parágrafos com o local do enterro e uma frase conclusiva: “Não haverá velório”. A matéria não expõe a razão da ausência de velório. Terá sido uma opção da família? Não seriam eles dignos de velório? Não há uma problematização, a narrativa é diretiva e situa o desfecho para os jovens que no título e subtítulo já estão demarcados como assassinos e criminosos, respectivamente.

A nulidade de velório para esses jovens revela uma forma violenta de enquadramento social. Para a filósofa Judith Butler (2015), existem formas variadas de enquadrar o ser humano, enquanto algumas são capazes de demonstrar o ser humano em sua fragilidade, outras podem definir quais vidas são e quais não são passíveis de luto. Esses enquadramentos sociais



estendem-se à mídia que, a reboque, visibilizam ou não, a partir de novas camadas de enquadramento, os corpos que julgam moralmente enlutáveis. Daí a necessidade, reforça Butler, da existência de enquadramentos alternativos que permitam que a dor, as guerras, o horror, comuniquem um sofrimento que altere e amplie nossa avaliação política acerca das violências.

Quadro 3 – Notícia atualizada em 14 de março de 2019

Enterro dos assassinos

Os corpos dos autores do massacre, Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, 25, ainda estão no Instituto Médico-Legal (IML) de Mogi das Cruzes, na região metropolitana de São Paulo, e serão enterrados em Suzano, por volta das 12h30 nesta quinta-feira. Não haverá velório.

Segundo a assessoria da prefeitura de Suzano, Guilherme Tauci Monteiro será enterrado no cemitério São João Batista, conhecido como cemitério do Raffo. Luiz Henrique de Castro será enterrado no cemitério São Sebastião.

Fonte: Adaptado de TIO..., 2019.

Outra matéria que não traz Guilherme e Luiz Henrique como protagonistas, mas fala sobre eles através do silenciamento é: “Ato religioso homenageia vítimas de massacre na Escola Raul Brasil em Suzano” - Comunidade faz missa e via-sacra que vai passar pela escola e hospital (CASTRO, 2019). A narrativa não aponta quem são as vítimas homenageadas, entretanto, o segundo parágrafo ratifica com um link as matérias anteriores: “No dia 13 de março, os assassinos de 17 e 25 anos invadiram a escola e mataram 7 pessoas entre alunos e funcionários”. Essa é a menção feita a Guilherme e Luiz, logo, pressupõe ao leitor que os autores da tragédia não estão entre as vítimas, apenas os estudantes e funcionários alvos dos disparos. A matéria traz ainda uma entrevistada, integrante da Pastoral da Juventude, que declara:



Essa proposta da Via Sacra surgiu em defesa da vida da juventude, olhando para essa realidade e o que aconteceu aqui em Suzano. E também acontece diariamente nas nossas cidades e bairros. A gente decidiu fazer essa caminhada para reafirmar aquilo que nós, enquanto representantes da Pastoral da Juventude da nossa região acredita de rezar por esses jovens que se foram, por esses sonhos que se foram e pelo descaso. E relembramos ainda outros temas em cada estação da Via Sacra. (CASTRO, 2019).

Ela fala dos jovens e seus sonhos e, em seguida, destaca o descaso atrelado à juventude. A notícia traz a transcrição da fala, mas não estabelece uma discussão de que descaso seria esse e qual o seu responsável. Embora aspectos importantes sejam mencionados pelas fontes entrevistadas, esses se encerram em si mesmos. Percebe-se que a “isenção” ditada pelo veículo midiático interdita relevantes chaves de significados.

A matéria “Massacre em Suzano: o que se sabe até agora” (MASSACRE..., 2019) é construída a partir dos tópicos: O que aconteceu? Onde foi o ataque? Quando o ataque aconteceu? Quem eram os assassinos? Como os assassinos agiram? O ataque foi premeditado? Quais pistas e provas a polícia está investigando? Qual é a ligação dos assassinos com a ‘*deep web*’? Quantas pessoas morreram? Quantas pessoas ficaram feridas? Foram encontradas armas com os assassinos? Há uma tentativa de linearizar a narrativa a partir de um resumo informativo, apresentando pontos relevantes do acontecimento para o público. Nessa linha, três tópicos importantes para a discussão deste artigo, são: “quem eram”, “como agiram” e o “ataque foi premeditado”, considerando que nestes os rapazes são os protagonistas da narrativa e trazem elementos relevantes para considerar pistas de uma construção de quem eram esses sujeitos, ainda que de maneira superficial e ratificando-os como a parte perversa da história contada.

Em “quem eram os assassinos”, além da idade, algumas novas informações aparecem e são agregadas à narrativa: Os dois eram antigos



alunos da escola. Guilherme foi criado pela avó, que morreu há cerca de três meses. Luiz Henrique vivia com os pais, um irmão mais velho e o avô. Ele era jardineiro e trabalhava na Zona Leste de São Paulo. Ambos frequentavam uma *lan house* e participavam de jogos on-line de combate com armas. Essa última informação, por exemplo, é mencionada, mas não se desdobra em discussões aprofundadas. Em “como agiram”, a narrativa se delinea *pari passo*, reconstruindo as ações dos jovens autores desde a morte do tio de Guilherme, os disparos realizados contra a coordenadora, a inspetora e estudantes até o homicídio de um e suicídio do outro. A estrutura narrativa é composta pelos elementos: protagonistas, personagens, enredo e desfecho. Por fim, em “o ataque foi premeditado?”, o tópico inicia-se categoricamente com a resposta “Sim” para o questionamento provocado no título e segue em dois curtos parágrafos com elementos referentes às investigações policiais.

As narrativas do G1 acerca do massacre em Suzano são também, em determinados momentos, complementadas por vídeos. Recursos utilizados com frequência pelo jornalismo digital para expor os acontecimentos, fazem parte da narrativa, completam e colaboram para o ideal da objetividade jornalística.

Nos processos midiáticos, a construção textual direta é utilizada a fim de chamar e capturar a atenção do leitor. Para atender a esse objetivo, duas técnicas muito empregadas na elaboração dos noticiários e verificadas nas matérias analisadas são: a pirâmide invertida, cuja estrutura segue uma ordem decrescente do conteúdo: primeiro o fato mais importante, e, posteriormente, as demais informações e contexto, e o lide (*lead*), que visa responder, ainda no primeiro parágrafo, as seguintes perguntas: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Essas técnicas impuseram sobre a notícia um valor de mercado, assinalado, principalmente, pela velocidade (imediatismo) e fácil consumo.

Em síntese, as informações sobre os sujeitos nas matérias publicadas nas primeiras semanas são mínimas. Os jovens não são abordados como



sujeitos, cidadãos, portanto, discursivamente indignos de terem suas histórias contadas. Muitos questionamentos podem ser levantados pelos leitores do G1: Quem eram esses rapazes antes do massacre, o que fizeram após concluírem a escola, como eram suas famílias, como se relacionavam com a vizinhança. As narrativas, ao se limitarem à descrição do episódio, à divulgação de vídeos e imagens das cenas ocorridas, à categorização dos autores como assassinos, não só espetacularizam o fato, mas também legitimam um discurso de violência que não reflete sobre suas possíveis e reais causas. De forma distinta, o El País Brasil, além de trazer uma narrativa apresentando quem eram esses rapazes, visibilizando suas histórias e perfis, publicou outras narrativas também relevantes, dentre elas: “Desespero em Suzano: ‘Mãe, socorro, está tendo um tiroteio aqui!’”, do dia 14 de março de 2019 (OLIVEIRA, 2019), levantando problematizações como a emissão do decreto que flexibilizou o porte de armas, assinado pelo presidente Jair Bolsonaro dias antes do ocorrido, e o retorno do debate suscitado por apoiadores e opositores; e a de 27 de março de 2019, “Saúde mental dos estudantes, mais um desafio para as escolas brasileiras”, com uma discussão necessária sobre a saúde mental dos estudantes da rede pública de ensino (JUCÁ, 2019).

Sem dúvida, as narrativas midiáticas têm uma função social importante, pois além de informar, contribuem para a formação de opinião e, por essa razão, precisam ser elaboradas com profundidade, investigação cuidadosa e responsabilidade com os sujeitos envolvidos. Se a premência do evento impõe uma divulgação imediata, então as categorizações e conclusões prévias não podem compor as narrativas, uma vez que essas legitimam equívocos, muitas vezes, irreparáveis.



3 Violência na escola: quando as subjetividades são descartadas pela mídia

As notícias veiculadas pela mídia hegemônica sobre o ocorrido na escola de Suzano permitiu-nos compreender que as narrativas propagaram um discurso dos jovens, protagonistas do evento, como assassinos. Esse termo, inclusive, foi alardeado pelos apresentadores dos telejornais e carimbado nas manchetes que compuseram o ambiente virtual noticioso.

O fato é que tratar de situações de violência, como a do acontecimento em questão, exige cuidado e atenção a aspectos variados e não a um único condicionante, o que aparentemente não interessa à mídia hegemônica. De imediato, é possível assegurar que a violência não é um fenômeno que diz respeito somente ao ambiente escolar, ela se apresenta no social. E a escola, como recorte do social, revela o que se passa fora dela.

Para Han (2017), a violência apresenta faces variadas e distintas ao longo da História, desde os grandes confrontos públicos na Era Medieval à dissimulada/internalizada na Era Moderna. Ele destaca um “poder tudo” do sujeito atual, cuja pobreza de alteridade, cansaço e tormenta consigo mesmo (resultantes de uma violência macro, ocasionada pela conjuntura político-capitalista) leva-o a imaginar em si um inimigo, como alívio da luta consigo mesmo. Essa luta do sujeito consigo mesmo também pode ser vista em Freud ([1930]-2011). Na obra secular, *O mal-estar na civilização*, o autor trata da raiz da infelicidade humana, do conflito entre indivíduo e sociedade e de suas variadas configurações na vida social.

É importante acentuar que, tais pensadores, em épocas diferentes, compreendem a violência como um fenômeno social complexo que circunda o indivíduo como um campo de forças, sem que, necessariamente, este o perceba. Neste campo de tensões, estão atuando o Estado, a política e a cultura, a partir de seus múltiplos dispositivos derivacionais (família, escola, religião, mídia, entre outros). Por essa razão, as subjetividades que



configuram os sujeitos, seus espaços e suas sociabilidades compõem suas ações com o outro e com o mundo, portanto, ocorrências violentas configuram apenas o clímax de histórias inscritas sob muitas interferências, o que implica muitas formas de ver, muitos ângulos e enquadramentos.

Nessa linha, nas manchetes das notícias veiculadas pelo El País, contrapondo-se à análise das publicações do G1, percebemos um destaque relevante para aspectos subjetivos que compuseram o evento:

Quadro 4 – Notícias vinculadas no El País

14 de março de 2019: Atiradores de Suzano usaram estética de Columbine e eram vizinhos de rua Luiz Henrique de Castro, 25 anos, e Guilherme Tauci Monteiro, 17, estudaram na escola de Suzano que invadiram esta manhã.

27 de março de 2019: Saúde mental dos estudantes, mais um desafio para as escolas brasileiras

13 de março de 2019: Massacre de Suzano reabre debate sobre papel das instituições de ensino em identificar transtornos psiquiátricos. 80% dos alunos da rede pública com algum problema não recebem tratamento.

Fonte: OLIVEIRA, 2019; JUCÁ, 2019; MASSACRE..., 2019.

O portal noticioso, cuja proposta supera o aspecto meramente factual, apresenta elementos narrativos que antecedem o evento e contribuem para uma visão mais interpretativa do fato, considerando a questão de os garotos de Suzano carregarem uma história, uma anterioridade, desconsiderada pelas notícias do site G1. Apesar da violência fazer parte da estrutura e da história humana, como apontam Han (2017) e Freud ([1930] 2011), são as regras criadas para a vida em sociedade que sustentam seu *guardrail*. E a escola é um dos espaços onde essa estrutura se forma, bem como onde pode se manifestar. Importa, assim, que ela possa olhar para seus estudantes em suas subjetividades, resguardando seu lugar no espaço escolar. As notícias do G1 não trazem referência a esse aspecto.



No que tange à violência em espaços escolares, Ornellas e Radel (2010) conferiram, *in loco*, onde e como se originam as questões que afligem a todos que vivem e que pensam a escola. Ao utilizarem duas palavras antagônicas – grito e silêncio – sinalizam que a violência pode saltar aos olhos ou ficar velada, ferindo e interferindo no propósito da escola e que se faz necessário, ainda, olhar o que se passa fora para entender o que acontece dentro de seus muros. Portanto, trata-se de enfrentar o que se impõe na escola, através das tantas situações de violência que a circunda.

As pesquisadoras citadas discutem, a partir de Freire Costa, a problemática estabelecida quando, consensualmente, o ato violento é reduzido e caracterizado apenas por atos que ferem diretamente a pele e o corpo, com possibilidade de morte ou mesmo sua concretização. Entretanto, as autoras atentam para as violências ocultas, simbólicas, que vão circunscrevendo silenciosamente o contexto escolar.

Não se pode perder de vista que a violência subjetiva, aquela que não se encontra no jornal, na TV, na vitrine, ou seja, a olho nu, é uma violência *branca*, sutil, em que professor x aluno e aluno x aluno cultuam, através da indiferença, da ameaça, da reprovação, do silêncio, e a cada instante pode irromper num grito de socorro. (ORNELLAS; RADEL, 2010, p. 62).

As autoras chamam a atenção, principalmente, para as violências silenciosas que acometem as relações professor-aluno, aluno-aluno, e que são, de igual modo, agressivas, uma vez que afetam a autoestima, os relacionamentos, o aprendizado, fomentando, assim, iminente grito de socorro. Todavia, é preciso pontuar de onde partem essas violências sutis. Vejamos: sendo a escola a síntese de sua sociedade, é consequente que os problemas enfrentados por seus sujeitos, fora dela, adentrem com eles para seu interior, provocando conflitos nesses processos de sociabilidade. A sociedade brasileira é notadamente marcada por violências oriundas da



desigualdade social, da intolerância religiosa, de gênero, racial, violência doméstica, dentre outras, e tudo isso reverbera na escola, fazendo desse espaço um lugar propício às mais diversas tensões. Daí ser tão presente em contextos escolares os casos de bullying, racismo e desrespeito às diferenças, resultantes em agressões verbais e físicas.

Essas causas que nascem no tecido social e atravessam os contextos escolares e seus sujeitos são, majoritariamente, desconsideradas pela mídia hegemônica que reporta o fato a partir do seu ponto máximo, nesse caso, a chacina, sublinhando apenas a quantidade de mortos, a cena do “crime”, o número de disparos. Ao desconsiderar que as violências externas reverberam no cotidiano escolar e que seus sujeitos sintetizam problemas de ordens sociais e psicológicas, a mídia limita-se ao anúncio do acontecimento, provocando uma reação coletiva de repúdio a personagens que podem ser também vítimas, suprimindo debates cruciais no enfrentamento da violência.

A mídia hegemônica, ao reportar eventos dessa natureza, descaracteriza os sujeitos em suas individualidades, apresentando-os numa estrutura plana, pronta (nesse caso: assassinos), negando ao espectador vê-los sob outros ângulos, dificultando-lhe uma elaboração própria do perfil dos envolvidos. Em sua discussão sobre dor e visibilidade, a partir da fotografia, Sontag (2003, p. 44) faz uma afirmação contundente a esse respeito: “É sempre a imagem que alguém escolheu; fotografar é enquadrar, e enquadrar é excluir”. Embora a autora credite um valor superior à narrativa em comparação à imagem, no que diz respeito à compreensão do espectador sobre um evento, as notícias analisadas demonstram que enquadramentos também podem transformar narrativas em carimbos. Em seu debate sobre as violências de guerra, ela nos provoca a questionar a tirania do ângulo único, a espetacularização e o consumo midiático da dor do outro. “Quem provocou o que a foto mostra? Quem é responsável? É desculpável? É inevitável? Existe algum estado de coisas



que aceitamos até agora e que deva ser contestado?” (Sontag, 2003, p.44-46).

Se as notícias do cenário midiático hegemônico provocassem questionamentos como esses apontados por Sontag, provavelmente a sociedade seria convocada a avaliar a tragédia a partir de um olhar criterioso, crítico e propositivo, a fim de pensar soluções para evitar, inclusive, ocorrências posteriores. O contexto do ocorrido na escola de Suzano apresenta uma tessitura relevante de narrativas que poderiam fazer emergir, através da mídia, enquanto formadora de opinião, debates importantes, como as mais variadas formas de violência que atingem esses sujeitos (nos espaços escolares e fora deles) e ainda a escola, refém de um panorama excludente, onde o poder público negligencia responsabilidades.

O contexto destacado foi desconsiderado como possibilidade de fios narrativos para o noticiário do G1, representante máximo da mídia televisiva hegemônica na internet, o que possibilita concluir que veicular e estabelecer discussões elaboradas sobre as subjetividades dos protagonistas, bem como o contexto em que estão inseridos, torna-se menos importante que a espetacularização do ocorrido. Dessa forma, para além do debate social, político e psicológico que atravessa o massacre, sobressaem a categorização imediata dos sujeitos, o sensacionalismo noticioso e o silenciamento das pautas causais do fato.

4 Considerações finais

Eventos que atraem a atenção do espectador, como o massacre ocorrido na escola de Suzano (SP), despertam os holofotes da mídia hegemônica, de tal forma que a notícia toma proporções de novela e envolve, aos que acompanham o ocorrido, numa trama cujos fios narrativos concentram-se na espetacularização noticiosa. Esse foi o trajeto seguido pelo G1, para a sua cobertura jornalística sobre o episódio de 13 de março de 2019.



Em suas narrativas veiculadas no dia exato e também seguinte ao episódio, momento que exigia cuidado e critério com as construções discursivas acerca dos sujeitos envolvidos, o referido portal de notícias recorreu categoricamente às palavras *assassinos* para os executores dos disparos e *vítimas* para os demais mortos no massacre, realizando um enquadramento maniqueísta.

A título de contraste, a análise de notícias reportadas pelo portal El País - Brasil nos permitiu verificar diferenças de nomenclaturas para designar os protagonistas da tragédia. Portanto, a escolha dos adjetivos para qualificar sujeitos envolvidos em eventos dessa natureza denotam o tipo de enquadramento que se pretende conferir ao fato, imprimindo juízos de valor perigosos, uma vez que a mídia é peça importante na construção e difusão da opinião pública. Assim, a mídia hegemônica pode atuar como propagadora de narrativas factuais, por vezes, enviesadas, cuja "objetividade" dificulta ao leitor outras possíveis interpretações, como também negligencia a oportunidade de colocar em pauta discussões relevantes a partir de eventos de tal ordem.

A violência ronda a escola e sendo essa um recorte do social, sente os reflexos da realidade que a circunscreve, ainda que impotente para lidar com seus efeitos, no entanto, esse não é um argumento partícipe das narrativas midiáticas. As notícias divulgadas pela grande mídia colocam a violência escolar como um problema isolado e não denunciam o fato de que a violência vai à escola junto com seus alunos, através das suas histórias de vida, de suas vivências cotidianas, resvalando no ambiente escolar as consequências do contexto social brasileiro: excludente, desigual, preconceituoso, violento. Além disso, outras violências afetam esse lugar e tampouco apareceram nas notícias analisadas: as situações de bullying, as armas sutis que tecem as relações escolares, as violências silenciosas que sufocam iminentes pedidos de socorro e quando adversamente emergem, traduzem-se em reações extremas. Eventos, como os ocorridos em Columbine e Suzano, exemplificam esse grito partido da escola e ecoado



para toda a sociedade, muitas vezes silenciados nos contextos escolares e invisibilizados midiaticamente.

Diante disso, a mídia hegemônica, ao noticiar fatos dessa natureza desconsiderando aspectos políticos, sociológicos e psicológicos importantes que perpassam tais ocorrências, reduz as possibilidades de reflexões e debates mais amplos. No propósito de alcançar o maior número de consumidores, elevando assim os índices de audiência/cliques, é a espetacularização do ocorrido, com suas imagens e manchetes impactantes, que se sobrepõe ao valor social da notícia. Nesse sentido, prevalecem o silenciamento de fontes importantes e de temáticas circundantes, a categorização maniqueísta dos personagens, a exploração de fotos e vídeos sensacionalistas, textos descritivos, curtos e fragmentados.

A análise realizada permite concluir que o portal de notícias G1 reportou o acontecimento da escola Raul Brasil a partir de uma narrativa jornalística estritamente factual, não estimulando o espectador a refletir sobre as subjetividades que atravessam a escola e seus sujeitos. Os problemas que acometem, principalmente, as escolas públicas brasileiras não pautam a mídia hegemônica, e, portanto, o debate é preterido em face de políticas editoriais calcadas no viés mercadológico das notícias. Ao desconsiderar ainda as violências e dramas psicológicos que afetam os sujeitos, o G1 encerra a história de dois jovens em matérias curtas, recortadas, espetacularizadas, e, conseqüentemente, violentas.

Os fios narrativos que costuraram essa trama não desvelam aos leitores todo o enredo da história. Sob as lentes, permaneceu apenas o clímax sangrento de um evento dramático e envolto numa série de subjetividades que poderiam ser oportunas para a promoção de um debate amplo e necessário no enfrentamento de problemas reais que perpassam a escola, suas comunidades e sujeitos.



Referências

- ANTUNES, Elton. Introdução. *In*: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de (Org.). **Narrativas e poéticas midiáticas**: estudos e perspectivas. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 9-21.
- ATIRADORES de Suzano usaram estética de Columbine e eram vizinhos de rua. **El País Brasil**, 14 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/politica/1552501004_247426.html. Acesso em: 12 mai. 2019.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto?. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. Apontamentos teóricos e metodológicos para compreender as vinculações sociais das narrativas. *In*: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de (Org.). **Narrativas e poéticas midiáticas**: estudos e perspectivas. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 49-65.
- CASTRO, Mirielly de. Ato religioso homenageia vítimas de massacre na Escola Raul Brasil em Suzano. **G1**, 30 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/30/ato-religioso-homenageia-vitimas-de-massacre-na-escola-raul-brasil-em-suzano.ghtml>.
- CRONOLOGIA: massacre em Suzano. **G1**, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/cronologia-massacre-em-suzano.ghtml>. Acesso em: 09 mai. 2019.
- DUPLA ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida. **G1**, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, [1930] 2011.
- HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- JUCÁ, Beatriz. Saúde mental dos estudantes, mais um desafio para as escolas brasileiras. **El País Brasil**, 27 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/18/politica/1552928918_526670.html. Acesso em: 12 mai. 2019.



MASSACRE em Suzano: o que se sabe até agora. **G1**, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-em-escola-em-suzano-o-que-se-sabe-ate-agora.ghtml>.

OLIVEIRA, Joana. Desespero em Suzano: "Mãe, socorro, está tendo um tiroteio aqui!". **El País Brasil**, 14 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/politica/1552512988_222545.html.

Acesso em: 12 mai. 2019.

ORLANDI. Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio**: no Movimento dos Sentidos. 6 ed. Campinas: Unicamp, 2007.

ORNELLAS, Maria de Lourdes; RADEL, Daniela Chaves. **Violência na escola**: grito e silêncio. Salvador: EDUFBA, 2010.

POLÍCIA divulga nome dos assassinos de Suzano. **G1**, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/policia-divulga-nome-dos-atiradores-de-suzano.ghtml>. Acesso em: 09 mai.2019.

PRINCÍPIOS Editoriais do Grupo Globo. **G1**, 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>. Acesso em: 20 mai. 2019.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: Tomo I. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TIO de assassino é enterrado e outras 7 vítimas do massacre em escola de Suzano são veladas. **G1**, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/14/corpos-chegam-a-arena-suzano-para-serem-velados.ghtml>.